



A consagrada revista brasileira *Arquitetura e Urbanismo* lançava o seu segundo número, exatamente em abril de 1985, quando Brasília completava 25 anos. O diretor de redação Mário Sérgio Pini dedicou um número especial em que foram avaliadas as teses da “cidade-aberta em oposição ao projeto para uma cidade”. Uma série de artigos visitam Brasília em sua “concretude de cidade-viva”.

A edição da *AU-1985* publica um depoimento e os esboços de Lucio Costa, antecedentes de uma idéia. Flagra-se quando o criador da concepção estrutural da cidade ensaiava linhas até chegar a sua magnífica resolução “como o próprio sinal da cruz”. O genial rabisco — Lucio chegou a pedir desculpas pela forma de apresentação da sua idéia — chegou a merecer do poeta Carlos Drummond de Andrade o comentário “era rabisco e pulsava”. Relatório do Plano Piloto de Lucio Costa foi o projeto número 22 (entre 26 concorrentes) e escolhido no dia 16 de março de 1957.



PRIMEIROS RABISCOS

DE UM GESTO SOLTO COMEÇOU A NASCER BRASÍLIA PELAS MÃOS DE LUCIO COSTA. OS DESENHOS FORAM PUBLICADOS HÁ 16 ANOS PELA REVISTA *ARQUITETURA E URBANISMO*.

O DEPOIMENTO

O que o lúcido Lucio falou há décadas valerá, hoje e sempre, pela atualidade da sua percepção histórica e a própria carga de promessa que Brasília representou na virada do país para o interior. O número especial da *AU* tem fotos de Maria Elisa Costa no momento em que Lucio era aplaudido, espontaneamente, de pé pelos frequentadores do restaurante Moinho e um depoimento onde sua visita a obra — antes “gesto solto sobre o papel” — agora definia-se no Brasil da esperada Constituinte e redemocratização de 1985.

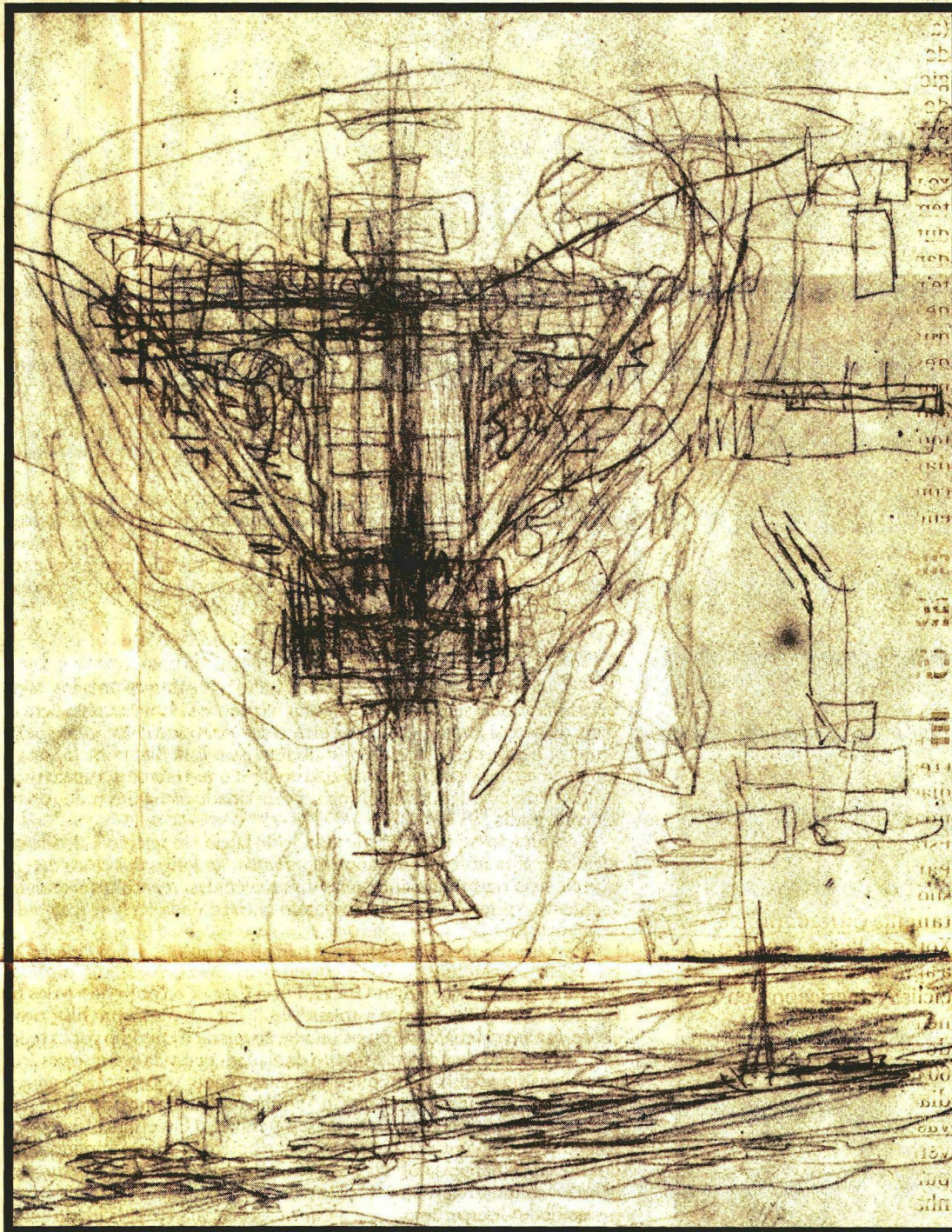
Lucio fala da rodoviária como o “coração da cidade”; comenta a Praça dos Três Poderes como “uma sala a céu aberto”; reconhece ser impossível resolver problemas sociais da massa trabalhadora “somente através de um plano” e, ao mostrar um certo desagrado com os edifícios do Tribunal de Contas, do Banco do Brasil e Banco Central, conclui: “Não posso criticar nada do que foi feito. O simples fato de Brasília existir é uma coisa esplêndida”. Ainda sobre a divisão social e remoção de trabalhadores para a periferia, Lucio declara: “Houve, portanto, uma inversão total porque as cidades-satélites deveriam ser planejadas corretamente, depois que Brasília estivesse adensada.

A cidade impôs que o planejamento regional fosse feito num segundo tempo, quando o normal seria o contrário.” Sobre o crescimento desordenado, Lucio determina: “Brasília não deve se espalhar ao longo dos subúrbios. Foi feito um planejamento proposital para ilhar a cidade, evitar que se estenda”, mas confessa que “a satisfação que a cidade lhe proporcionou foi muito maior que alguns desencantos”.

Apona “como absurda a construção de uma enorme residência para o vice-presidente da República, em área prevista para a instalação de um parque público, junto ao Jaburu”. Ao ser perguntado pelo mastro da bandeira como elemento destoante na paisagem, o fato é tolerado pelo urbanista por ser a bandeira brasileira “muito bonita”. “Curioso como a bandeira retrata bem o país”, encerra a pequena provocação.

A TECNOLOGIA

A uma pergunta da revista sobre o fazer do arquiteto e sua visão do mundo, Lucio assim define seu trabalho: “Não me deixo levar por modismos e tenho certas idéias preestabelecidas principalmente sobre a questão do homem e da natureza, que acho fundamental. Há uma tendência em julgar o desenvolvimento científico-tecnológico como antinatural, quando na realidade é apenas outro lado da natureza. Um é a natureza ao alcance dos sentidos; o outro, ao alcance da inteligência. O desenvolvimento científico-tecnológico é um processo natural porque nós, homens, fazemos parte dele. A vida não é um processo, mas um drama pessoal que se insere no processo geral da evolução. Se você raciocinar em termos de evolução, chega, de mutação em mutação, ao estado de lucidez e consciência. E o *aboutissement*, o remate da evolução naturalmente centrado no



NUM MESMO EIXO

NELE, SURGEM OS SETORES ADMINISTRATIVO E RESIDENCIAL AO LONGO DO MESMO EIXO. TRÊS MESES DEPOIS DESTES RABISCOS, O PROJETO DO PLANO PILOTO ESTAVA PRONTO.

“BRASÍLIA NÃO DEVE SE ESPRAIAR AO LONGO DOS SUBÚRBIOS. FOI FEITO UM PLANEJAMENTO PROPOSITAL PARA ILHAR A CIDADE E EVITAR QUE SE ESTENDA”

LUCIO COSTA

homem. Não vejo como encarar a vida sem aceitar essa totalidade, essa fatalidade que a racionalidade comanda. Figurando graficamente, todo esse processo é uma vertical — como se fosse uma maçã caindo sob a ação da gravidade —, mas, por interesses acidentais, a tendência é querer fugir, embora não se possa ir muito além sem se perder a noção da realidade. Portanto, o desenvolvimento científico-tecnológico, pelo seu próprio sentido, se não cria obstáculos, está sempre a favor do homem”.

Ao falar do ensino da arquitetura, o mestre declara que os estudantes não deveriam ser estimulados a uma excessiva criatividade: “Nos projetos normais, se a solução arquitetônica é válida, não é motivo para estar recriando, fazendo sempre coisas novas. Acho isso um perigo como ensino. Deve-se inculcir no aluno uma autodisciplina que ele saiba realizar um trabalho bem-feito, com

qualidade plástica nunca com a preocupação de fazer um discurso que só se justifica em excepcionais, quando o arquiteto tem um programa que permite criação livre. A arquitetura é como se fosse uma conversa cotidiana. De quando em quando surge um momento de debate, de empolgação. Mas não é só feito de retórica”.

A revista *AU-85* é um documento histórico e demonstra o quanto são pertinentes e lúcidas as palavras de Lucio Costa para os nossos dias e o quanto deveríamos ficar atentos a essa revisita, não reverencial ou dogmática, mas a uma tradição de pensamento que desejava esta cidade viva bem distante dos rumos hediondos em que se encontra: asfixiada, violentada e desmoralizada pelos testemunhos vergonhosos dos que deveriam honrá-la e hoje a humilham.

LEIA MAIS SOBRE OS 41 ANOS DE BRASÍLIA NO GUIA, CAPA, E NO CADERNO ESPECIAL